

# Eleição ameaça 12 anos de poder do PMDB

PFL pode afastar peemedebistas do comando do Senado pela primeira vez desde 1985

por Maria Cristina Fernandes  
de São Paulo

A se confirmar o favoritismo do senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) na disputa pela presidência do Senado, o PMDB será aliado, pela primeira vez desde a Nova República, do comando da Casa.

O partido permanece na presidência do Senado desde 1985, quando elegeu o senador matogrossense José Fragelli. Da abertura até 1993 também elegeu todos os presidentes da Câmara (ver quadro ao lado). Naquele ano perdeu pela primeira vez a presidência da Casa para o deputado Inocêncio de Oliveira (PFL-BA). A hegemonia do PFL foi mantida na sucessão de Inocêncio com a eleição de Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), que entregará o cargo, provavelmente de volta a um peemedebista - o deputado Michel Temer (SP).

O PMDB recupera o poder na Câmara, paradoxalmente, num momento em que o partido está mais fragilizado nesta Casa em relação ao Senado. "O que está acontecendo, efetivamente, é uma bicameralização do PMDB", diz o professor de Ciência Política da Universidade de Brasília, David Fleischer - "o partido tem tomado rumos distintos em cada uma das Casas".

Sua "bicameralização" foi traçada pelo perfil de seus integrantes: enquanto uma Casa (Senado) tem a liderança predominante do ex-presidente José Sarney - que conta com

O poder no Congresso (Os presidentes desde a Nova República)		
	Câmara	Senado
1985-86	Ulysses Guimarães (PMDB-SP)	José Fragelli (PMDB-MS)
1987-88	Ulysses Guimarães (PMDB-SP)	Humberto Lucena (PMDB-PB)
1989-90	Paes de Andrade (PMDB-CE)	Nelson Carneiro (PMDB-RJ)
1991-92	Ibsen Pinheiro (PMDB-RS)	Mauro Benevides (PMDB-CE)
1993-94	Inocêncio Oliveira (PFL-PE)	Humberto Lucena (PMDB-PB)
1995-96	Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA)	José Sarney (PMDB-AP)

três dos seus ex-ministros na banca da peemedebista (Jáder Barbalho, Íris Resende e Pedro Simon) - a outra (Câmara) não encontra na figura de seu líder e mais provável sucessor de Luís Eduardo Magalhães, Michel Temer, nem na de seu presidente nacional, deputado Paes de Andrade (CE), o papel de aglutinador que o falecido Ulysses Guimarães ou o obscuro Orestes Quércia exerceram em épocas distintas. Na ausência de uma liderança forte, o PMDB da Câmara é mais suscetível ao cortejo governista que o do Senado.

As duas Casas também trabalham sob pressões distintas. Na votação da reeleição, por exemplo, o PMDB da Câmara esteve sob forte influência dos prefeitos que lotaram as galerias e corredores da Casa e cujos municí-

pios compõem a chamada "base eleitoral" dos deputados. O número de deputados interessados em disputar governos estaduais em 1998 também é menor que os pretendentes no Senado, Casa em que se estimam mais de vinte pré-candidatos.

O regionalismo também molda diferentemente o poder de cada uma das Casas. Dos seis presidentes do Senado, desde 1985, houve apenas um sulista - Nelson Carneiro (PMDB-RJ). Na Câmara, os últimos 12 anos foram igualmente divididos entre sulistas e nortistas. A distinção tem uma explicação fácil. Enquanto a Câmara representa, ainda que desproporcionalmente, o eleitorado nacional; no Senado são os estados que estão representados - cada um com o mesmo número (3) de cadeiras. Somadas, as re-

giões Sul e Sudeste, detêm apenas sete dos 27 estados brasileiros.

Depois de manter, até 1993, o PFL na condição de coadjuvante no poder da Casa, será a vez agora de o PMDB se sujeitar aos desígnios dos pefelistas. A cessão do Senado ao pefelista Antônio Carlos Magalhães é fruto do acordo firmado há dois anos com o PMDB, quando seu filho, Luís Eduardo Magalhães, foi eleito presidente da Câmara. Foi a aprovação da emenda da reeleição que, fortalecendo Luís Eduardo e Michel Temer, permitiu que o acordo fosse honrado. O acordo não conta com o aval dos senadores peemedebistas que hoje apóiam a candidatura de Íris Resende (GO). A derrota destes, no entanto, lembra Antônio Augusto de Queiroz, diretor do Departamento Inter-sindical de Assessoria Parlamentar (Diap), é uma ameaça muito menor ao governo do que uma eventual e improvável derrota do senador Antônio Carlos Magalhães.

A eleição de Michel Temer na Câmara além de representar o PMDB dócil na Casa, dificilmente será capaz de conter o esvaziamento do partido, que deverá perder filiados para o PSDB antes que a reforma política aprove o instituto da fidelidade partidária. Paulatinamente enfraquecido nas eleições presidenciais, estaduais e municipais, desde 1989, o PMDB, a partir de hoje começa a ser atingido em uma de suas últimas trincheiras - o Congresso Nacional.